





EDITORIAL

A dedicação e o empenho de três dedicados e jovens historiadores – João Costa, José Jorge Gonçalves e Pedro Pinto – permitem que hoje tenha de escrever a apresentação de mais um número da *Fragmenta Historica*. É evidente que tal também se fica a dever à colaboração de todos aqueles que deram o fruto do seu trabalho para neste volume serem publicados. Para todos se aplica a famosa expressão portuguesa: Bem hajam!

O grande puzzle da História que esta Revista ajuda a construir resulta do convívio da publicação de fontes em que umas se encontram estudadas, outras em processo de estudo e outras apenas como subsídios de futuros trabalhos que a todos pode aproveitar. Sabemos que a História pode ser, assim como a verdade, uma construção do momento. Nem sempre se conhecem todas as premissas que, com segurança, nos permitem precisar o ou os acontecimento(s). Sem documentos não se pode alicerçar o edifício seguro que resulta do labor daqueles que querem narrar o passado. O documento, verdadeiro, constitui a grande diferença e a segurança de quem lê.

Um conjunto de cinco documentos, entre 1497 e 1839, tão variegados – quer no assunto quer nos arquivos de origem – torna difícil a tarefa de distinguir aqueles sobre os quais se devem falar, sem correr risco de salientar uns, esquecendo outros que são igualmente únicos pelas informações que prestam.

Os estudos encontram-se em igual pé: é difícil distinguir os que se devem destacar sem novamente ser injusto:

- A origem das casas de Atouguia e Castanheira na linhagem dos Ataídes – com especial ênfase sobre a primeira ainda no século XV – é o estudo de Nuno Vila-Santa.
- Da datação do foral medieval da almotaçaria de Lisboa – em que a data de 1444 é, sem sombra de dúvida, a mais sustentável e que se pode enquadrar na legislação produzida na subsequência das cortes de Évora, desse mesmo ano – ocupou-se Sandra Pinto.
- O modo como se investigava na primeira metade do século XVIII (1721) encontra-se patente no trabalho de Diogo Faria sobre «a diplomacia de D. Manuel I» e os apontamentos da investigação sobre o assunto elaborada por Francisco Dionísio de Almeida, para a Academia Real da História.
- Carlos Alves leva-nos para a reforma da Universidade de Coimbra e a ação de D. Francisco de Lemos, como seu reitor, numa aventura iluminada sobre aplicar o que a época desejava e impunha.
- O Brasil, em especial o Brasil sertaneiro, e o fascínio que exerceu nas viagens científicas no século XIX, com especial enfoque na vida e na obra de Raimundo da Cunha Matos, é estudado por Rita de Cássia Guimarães Melo.

Esperamos que todos os leitores encontrem utilidade neste número.

João Alves Dias